

Da nossa partida imminente...



Até aos Açores são 600 milhas. Porque raio me lembrei de partir, de querer ir tomar um último gin ao café do Peter. Acho que nunca vou obter a resposta para este meu acto temerário... Os actos temerários por vezes pagam-se caros, o mar está cheio de temerários e de heróis mortos...

Esta noite tenho medo. Tenho, sinto o medo por dentro.

O mar está a mudar. Um ruído grave e baixo. O horizonte escurece, a brisa aumenta de força. O anoitecer está diferente, pesado, lubregue. O tempo a-rrefece.

Entretenho-me a fazer uma sopa para o jantar. O fogão oscilante. O púcaro oscilante. O prato oscilante. Tudo se mexe debaixo dos meus pés. O barco ressurte-se das milhas navegadas, uma vida a carregar comigo. Fomos felizes os dois quando tu embarcaste. Ganhou alma e um brilho novo no convés. O casco ficou mais esguio, mais ligeiro na água. Acho que tudo são impressões da minha cabeça.

Mas tu eras a alma a bordo.

Gostava de te ver ao por do sol de cabelos soltos em contra luz. Nua, como gostavas de andar para me provocar. Só eu, tu, e o velho veleiro que nos abraçava no interior. Só eu, tu, e as brancas velas que nos acariciavam o rosto. Só eu tu e o amor que respirávamos. O meu ar era teu. O teu meu. O mundo nosso. O oceano dos dois.

Mas esta noite tenho medo.

Os instrumentos de bordo estão loucos, o barómetro caiu assustadoramente, a pressão baixou, vem temporal por aí, e a esta altura da viagem a esta distância de terra o VHS está mudo, salva-se o rádio das métricas. Estou mesmo só, sem contacto para terra, sem saber do boletim meteorológico, mas não preciso, a tempestade anuncia-se baixinho. As nuvens carregam toda a chuva e toda a raiva ácida de todos os continentes.

Tenho de me prepara para o que aí vem.

Revisão geral. Fechar os albos de proa, cerrar as portas de mar, prender tudo no convés verificar o motor, verificar as pilhas na lanterna, verificar os moitões das velas, os cabos do estai, os brandais. A retranca da vela grande, as luzes de navegação.

Troveja ao longe a noite chegou escura, pesada, nem uma estrela no céu, sopra mais forte o vento, e faz abater o rumo na agulha. Corrijo, sei que esta noite vai ser de derivas, presinto. Mas tantas vezes já apanhei as tempestades...

É quase meia-noite estou cansado, começou a chover. Parece que todos os amantes se reuniram para chorar hoje. Bátegas de chuva grossa que

OS GALIOS

ferem a cara e os olhos. As vagas já são grandes. Às vezes não as vejo, sinto-as só a virem em cachoeiras de espuma fustigadas pelo vento. O barco tranquilo mete a proa e levanta, mete a borda inclina-se como que a adormecer, então eu orço. O leme obedece e ele vai e cai na cava da vaga cansado. Tenho medo que caia de uma vez. O anemómetro gira como um louco. O vento está forte, tenho de arriar pano, rizar. Estivar a vela. Este ainda é um aparelho à moda antiga, uma carangueja grande e dois es-



tais, já os recolhi, agora é só a vela grande. Aproo ao mar e ao vento. Tenho de meter o motor a trabalhar. O velhinho Perkins de 12 cavalos. Com tantas horas de trabalho, tantas milhas. É antigo, pega ainda por manivela. Tudo neste barco é antigo. Até eu.

Puxo os descompressores dos dois cilindros, dou-lhe três voltas a ganhar embalo, e enquanto o velho volante gira acciono o primeiro descompressor para comprimir, dá um soluço e gira, ligo o outro, dá outro soluço, e mais outro, e mais outro, e vai, vai só por si como que a cantar. O som abafado e quente do velho motor. Engato à vante e fico por ali as 600 rpm aproado ao vento a singrar devagarinho.

Arreio a vela e já não rizo. Ela que estava abandonada a bater como um lençol no fieiro da praia abandonado nos dias ventosos. Caço a vela toda, aperto-a na retranca, bem apertada, bem estivada, não está noite para aventuras nem para navegar à vela.

A noite é de esperas e de incertezas...

Estou só no poço, tenho as escotilhas fechadas, vesti o fato de temporal. O fato especial que comprei. Lembras, um para mim, outro para ti. Fatos de

sobrevivência. Impermeáveis com malha polar por dentro e estanques. Com faixas luminosas para serem visíveis.

Coloquei o arnês e o colete salva-vidas novo, aquele que é accionado por gás comprimido. É mais fácil de usar e esta noite vai ser agitada.

Olho os instrumentos, o anemómetro salta dos vinte e cinco para os trinta nós de força. Calculo força seis, força sete. As vagas crescem cinco, seis metros... Sinto-as a rugirem, a espumarem na noite, a bate-

rem no casco. São todas as fúrias das entranhas e das profundezas que se juntaram hoje. Agora é aguentar e estar vigilante, não vá ser abalroado. No meio do atlântico, esta é uma rota usada também pelos grandes navios que cruzam de norte para sul ou vice-versa.

Sinto o vento na cara frio a gelar, e um frio entranha-se em mim. Porque será que quando estamos com medo tudo nos mete medo. E porque tenho eu

medo. Porque tenho? Porque me vim embora? Porque vim em tua busca?

Eu sei que não estás. Eu sei que já não estás. Que aconteceu naquele dia? Que aconteceu meu amor. Porque não me chamaste. Porque nem um grito escutei. Não me perdoo. Tu sabes, onde quer que estejas.

Não me perdoo. Eu é que era o

patrão no barco. Tu a minha convidada. Agora espero sempre que regreses um dia. Sinto-me negro por dentro. De luto por mim. Espero sempre que chegues, que te recolham numa ilha qualquer, que um navio te tenha salvo. Que tenhas ido para ao outro lado do mundo e regreses. Assim estou numa espécie de luto por fazer. Um naufrágio sem náu-



frago. Afogo-me nas saudades. Confundo o sabor das lágrimas com o sabor da água do mar.

Foi o mar que te levou não foi? Não posso ter dois amores, pois não? O mar é ciumento não é?

Estou exausto. Sinto-me a tremer por dentro demasiado cansado. Húmido ensalitrado, doem-me os olhos a noite é de um negro demasiado negro, os meus ouvidos desesperam. Parece que te escuto a gritar no meio do nada, não te consigo ver. Só as vagas que varrem o convés. Só o vento que fustiga os brandais e provoca silvos como uma serpente endemoinhada.

Não me podes vencer mar. Não me podes levar também. Porque me queres vivo. Para dizer que te



amo. Mar desgraçado! Eu perdoo-te. Não sou de guardar rancores. Mesmo que me firam quase de morte. Morro aos poucos devagarinho. Os marinheiros morrem assim. Devagarinho, fomos nós que inventamos a saudade. As lágrimas com sabor a mar. As ausências sentidas e consentidas. Fomos nós que nos dizemos lobos num mar que nos escorraça.

Que se passou contigo meu amor? Nunca o vou saber dou-me conta. Nunca, e cruzo este oceano imenso em tua busca. Sei que já não voltas. Que habitas um lugar mágico no reino de Neptuno, rodeada de corais rosas e de pérolas. Às vezes na ardência do mar parece que és tu que caminhas.

Passaram já quatro horas, acho que estou no mesmo sítio. O vento amainou estamos os dois cansados, o barco mais eu. Queria dormir. Despir o fato e deixar-me estar no beliche de olhos fechados. Não acordar mais. Ainda me sinto a tremer por dentro. Mas tu dás-me a serenidade e a lucidez suficiente para ter paciência. Penso em ti e deixo de ter medos... És a minha luz do alvorecer. A estrela da manhã. A estrela Polar que me guia. Vou descansar um pouco e reorganizar-me a bordo. O trabalho é uma rotina mas tem que ser feito. Amanhã ou depois chego ao destino. Amanhã ou depois...

Tenho o Faial pela proa finalmente. Chego inteiro. Acho que desta vez me libertei dos medos. Vou atracar, estou com a tal vontade de beber um gin, e dar um abraço ao Peter. Um abraço de condolências também pelo pai que partiu. Um abraço atrasado, como gostaria de te ter dado. Tanto que gostaria de te ter dado. Tanto que me faltava viver contigo. Tanto ar teu que me fazia falta respirar. Tanto de ti em mim. És imensa e eu sou nada. Sou nada sou nada! Tive sorte! Tive sorte! Tu dás-me sorte. Vendi o barco regressei de avião.

Acabou!

Fevereiro 2007